



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS NO HEBRAICO MODERNO:
PERÍODOS HISTÓRICOS, POLÍTICAS PURISTAS E INFLUÊNCIAS
ESTRANGEIRAS NA LÍNGUA**

JÉSSICA DOS SANTOS BENAION ESTEVES

RIO DE JANEIRO

2025

JÉSSICA DOS SANTOS BENAION ESTEVES

119027044

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NO HEBRAICO MODERNO:
PERÍODOS HISTÓRICOS, POLÍTICAS PURISTAS E INFLUÊNCIAS
ESTRANGEIRAS NA LÍNGUA

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharelado em
Letras: Português-Hebraico.

Orientador: Prof. Doutor Léo Ariêh
Osório Carvalho de Oliveira

RIO DE JANEIRO

2025

CIP - Catalogação na Publicação

E84 Esteves, Jéssica dos Santos Benaion
 Empréstimos linguísticos no hebraico moderno:
períodos históricos, políticas puristas e influências
estrangeiras / Jéssica dos Santos Benaion Esteves.
- Rio de Janeiro, 2025.
 37 f.

 Orientador: Léo Ariêh Osório Carvalho de Oliveira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português -
Hebraico, 2025.

 1. Academia de Língua Hebraica. 2. Hebraico
Moderno. 3. Empréstimos Linguísticos. 4. Empréstimos
Lexicais. 5. Línguas Semíticas. I. de Oliveira, Léo
Ariêh Osório Carvalho, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

JÉSSICA DOS SANTOS BENAION ESTEVES

119027044

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NO HEBRAICO MODERNO:
PERÍODOS HISTÓRICOS, POLÍTICAS PURISTAS E INFLUÊNCIAS
ESTRANGEIRAS NA LÍNGUA

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharelado em
Letras: Português-Hebraico.

Data da avaliação: / /

Banca examinadora:

Prof.ª Me. Isabelle de Brito Nalte Perrout (UFRJ) Nota:

Prof. Dr. Léo Ariêh Osório Carvalho de Oliveira (UFRJ) Nota:

MÉDIA:

RIO DE JANEIRO

2025

RESUMO

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso consiste em mostrar que ao contrário do pensamento purista de enxergar o Hebraico como uma língua estritamente sagrada, cuja essência e base não pode ser maculada por influências externas, o Hebraico como qualquer outra língua humana precisa se adequar a realidade, desta forma modernizou-se e por vezes, ainda que existam palavras hebraicas criadas pela Academia de Língua Hebraica, é inevitável que empréstimos lexicais e influências de origem estrangeira penetrem no Hebraico Moderno. Quem faz a língua acontecer e viver são seus falantes, e esses indivíduos usarão sua criatividade, experiências de vida e forma de pensar para moldar o idioma. Neste trabalho será apresentado diferentes formas de empréstimo linguístico no Hebraico atual, que por sua vez contribuem para a expansão e enriquecimento de seu léxico.

Palavras Chave: Academia de Língua Hebraica, Hebraico Moderno, Empréstimos Linguísticos, Empréstimo Lexical, Línguas Semíticas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. BREVE HISTÓRIA DA LÍNGUA HEBRAICA.....	9
2.1. Período Bíblico.....	9
2.2. Período Mishnaico.....	11
2.3. Período Medieval.....	12
2.4. O renascimento do Hebraico como língua falada.....	13
3. A ACADEMIA DE LÍNGUA HEBRAICA.....	17
3.1. Purismo e Políticas Linguísticas no Hebraico Moderno.....	18
3.2. Políticas Linguísticas para termos estrangeiros.....	20
4. EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NO HEBRAICO MODERNO E SEUS TIPOS.....	22
4.1. Empréstimo Lexical.....	22
4.2. Empréstimo Não Lexical.....	24
4.2.1 Empréstimo Não Lexical: tipo morfológico.....	25
4.2.2 Empréstimo Não Lexical: tipo sintático.....	26
4.3. Empréstimo Semântico.....	27
4.4. Decalques.....	28
4.5. Empréstimo Camuflado.....	30
4.6. Insultos como empréstimos.....	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Em razão das constantes mudanças e inovações em desenvolvimento no mundo nas mais diversas áreas de aplicação do conhecimento, as línguas e falares, parte essencial da existência humana, precisam acompanhar essas evoluções. E às vezes, por influência de uma língua dominante - que pode ser cultural, tecnológica, política ou econômica - a língua receptora passa a adotar elementos estrangeiros para satisfazer essas necessidades. Esses novos itens podem ser palavras, expressões, fonemas ou mesmo estruturas de caráter sintático e morfológico, embora estes dois últimos sejam mais raros devido ao sistema não-lexical de uma língua ser muito mais fechado a mudanças em sua estrutura.

Ao final do século XIX, a língua hebraica foi reavivada e revitalizada pelos judeus movidos por um ideal nacionalista, e dessa maneira, o hebraico que antes era usado apenas na liturgia e literatura, voltou a ser usado como língua falada. O processo de renascimento envolveu judeus provenientes de várias nações, falantes de línguas maternas diversas, fator que possibilitou que o hebraico moderno recebesse influências estrangeiras na formação de seu léxico contemporâneo. Seus revitalizadores esforçaram-se para manter o hebraico alinhado a suas raízes clássicas, para que sua característica semítica se mantivesse preservada. No entanto, enquanto a herança vocabular dos períodos anteriores foi aproveitada, ao mesmo tempo a porta para inovações e atualizações precisou ser aberta a fim de promover uma melhor adaptação ao mundo moderno.

Esta monografia é dividida em quatro capítulos. O primeiro, consiste nesta breve introdução ao tema que será tratado. O segundo capítulo abraça a história da língua em todos os substratos linguísticos, e tem como finalidade investigar como a língua hebraica se desenvolveu e se houve influências estrangeiras desde o estágio mais antigo da língua até chegar ao contemporâneo. O terceiro capítulo, procura discorrer sobre as políticas linguísticas adotadas pela Academia de Língua Hebraica no que diz respeito à assimilação de empréstimos de termos estrangeiros. O quarto capítulo, apresenta e discorre sobre os diversos tipos de empréstimos linguísticos existentes no hebraico atual, trazendo exemplos de uso real na língua. O quinto e último capítulo traz as considerações finais e as possíveis pesquisas futuras que podem ser instigados. E por

fim, ao final, a bibliografia usada neste trabalho, da qual foi retirada por meio de análise de corpus os dados e exemplos utilizados nesta pesquisa de caráter qualitativo.

O objetivo deste trabalho consiste em mostrar que esses empréstimos ajudaram a ampliar e moldar o léxico da língua, independentemente que palavras de origem hebraica criadas dentro da própria língua ou reaproveitadas de outros substratos sejam grande parte do idioma.

2. BREVE HISTÓRIA DA LÍNGUA HEBRAICA

Ao contrário do que se pode supor ou imaginar a língua hebraica nunca deixou de ser falada e utilizada em contextos específicos pelo povo judeu no decorrer de sua existência. O homem judeu sempre teve como obrigação aprender a língua de seu povo para o estudo dos textos sagrados e manutenção das tradições. O Hebraico deixou de existir como língua oficial de um território nacional por um longo período de tempo, mas manteve-se vivo e forte na liturgia, literatura e também como língua franca utilizada por alguns judeus provenientes de países diferentes quando encontravam-se, mas tinham línguas maternas distintas. Isto sempre foi possível, pelo fato de que os judeus nunca deixaram de guardar a língua de seus livros sagrados, aprendê-la e utilizá-la em sua vida religiosa e espiritual. Historicamente sabe-se que o povo de Israel enfrentou diversas dificuldades políticas e religiosas para permanecer em sua terra. Muitas guerras com povos vizinhos e invasões levaram o povo para o exílio e conseqüentemente a viver em situação de diáspora por séculos, mas isto nunca impediu a língua de ser conservada e utilizada em contextos particulares. A escrita foi a ferramenta crucial na preservação e transmissão da língua, assim como no desenvolvimento de novos vocábulos que preenchessem as necessidades de cada um de seus períodos históricos. A língua hebraica pode, para melhor visualização de sua história e evolução, ser organizada e dividida em quatro grandes períodos: Bíblico, Mishnaico, Medieval e Moderno.

Cada fase da língua hebraica possui suas próprias características e inovações, mostrando que apesar de ter passado 1700 sem ser falada no dia a dia, o hebraico continuou vivo passando por transformações e evoluções significativas.

2.1. Período Bíblico

Nesta fase do hebraico, a língua fazia parte da vida cotidiana, cultural e religiosa dos judeus. Era amplamente usado tanto em contextos formais e literários quanto na fala diária do povo. Não é possível traçar com precisão como se deu seu desenvolvimento, porém, é sabido que o hebraico tem suas origens em uma língua comum ancestral denominada proto-semítico, da qual deriva-se diversas outras línguas semíticas. Segundo Chabim(1973) pode-se supor com segurança que os Patriarcas

herdaram uma grande coleção de palavras de tribos semíticas, e este acervo lexical, como qualquer língua em contato com outros idiomas, foi ampliado através da criação de novas palavras por seus falantes e também por empréstimos linguísticos.

Diferente do que se imagina, o hebraico antigo não é uma língua pura, mas um idioma que nasceu e conviveu em meio ao contato linguístico com outros povos semíticos à sua volta, como o acádico, o egípcio, o moabita, e o cananeu, do qual diversas palavras do léxico hebraico tem suas raízes. Outro ponto relevante a se discutir é que apesar das tribos de Israel falarem essencialmente hebraico como língua comum, seus dialetos variavam. A língua não era uniformizada, porém mais tarde alguns acontecimentos históricos abriram caminho para o desenvolvimento de um hebraico padrão.

O reino de Israel foi estabelecido nos tempos do Rei Davi a partir de suas conquistas militares. Este acontecimento foi muito importante para que as tribos de Israel fossem unificadas e estabelecessem maior contato linguístico e solidificasse seu idioma. Posteriormente no reinado de Salomão, a forma padrão de hebraico clássico acabou surgindo, tornando-se amplamente empregada pelos escribas, sábios e profetas do Primeiro Templo na escrita de textos sagrados, e transmissão de ensinamentos. Neste período o hebraico passou também a ser usado pela corte real para emissão de documentos oficiais, legitimando seu status de língua oficial. Já nesta época, o purismo em relação ao idioma faziam os sábios evitarem o uso de palavras de línguas estrangeiras, o que por consequentemente induziu o idioma a produzir características próprias que viriam a se tornar parte do hebraico bíblico.

Neste período esta forma clássica do idioma tornou-se a língua literária do povo e era ensinado através da educação formal para as elites; o povo também a compreendia, embora falassem a língua das ruas com seus naturais desvios da norma culta - fenômeno natural de qualquer língua viva.

Após uma série de problemas administrativos e governamentais, depois que o rei Salomão faleceu as tribos de Israel se dividiram, das doze, dois reinos diferentes foram estabelecidos, o reinado do norte sendo denominado Israel, fixando capital em Samaria, e o reino do sul, Judá, mantendo Jerusalém como sua capital. Apesar de a língua de ambos os reinados permanecer sendo o hebraico, essa divisão levou ao surgimento de diferenças religiosas, culturais e políticas, fazendo o hebraico sofrer influências regionais de onde era falado.

Com as invasões da Assíria, por volta de 722 a.C., o reinado do norte, Israel, caiu, os sobreviventes se dispersaram e o hebraico deixou de ser falado ali naquela região. Quanto ao reinado do Sul, este conseguiu se manter invicto até a chegada dos babilônios no ano de 586 a.C., quando então ocorreu a destruição do Primeiro Templo e de Jerusalém, culminando no exílio de sua elite para a Babilônia, enquanto os mais pobres foram deixados na Judéia.

Desta maneira, o Aramaico, devido ao poder do império babilônico, tornou-se a língua franca dos povos conquistados e do mundo daquela época, o que impactou e influenciou o hebraico falado, assim como sua gramática. Porém, como consequência dos acontecimentos, a língua do povo judeu foi deixando aos poucos de ser utilizada no contidiano transformando-se em uma linguagem relegada ao estudo, a escrita e a assuntos religiosos. O processo de perda do hebraico com linguagem habitual do dia a dia foi gradual, sendo considerado como consolidado no ano 200 da Era comum. A essa altura os judeus falavam as línguas da regiões em que viviam e o hebraico foi preservado e mantido como a linguagem de leitura e escrita de sua religião e cultura.

2.2. Período Mishnaico

Do hebraico falado após o exílio babilônico até o hebraico cessar como língua do cotidiano, algumas mudanças significativas ocorreram na forma como os judeus falavam a língua. Uma variação do hebraico desenvolveu-se durante este período da história, no qual já não havia tantos falantes do hebraico na região da Palestina. Neste período, os sábios e eruditos buscavam preservar o hebraico como fora falado nos tempos dos reinos de Judá e Israel. Porém como o hebraico falado nesta época já havia se afastado consideravelmente da forma padrão clássica, surgiu uma maneira de continuar preservando a língua utilizando o modelo dos textos bíblicos. Os judeus fora da diáspora residentes na Galiléia, começaram a falar e se expressar usando vocabulários de versículos bíblicos, e quando faltavam palavras para expressar algum assunto, eles adotavam termos da língua que pensavam e falavam no dia a dia. Nesta época o aramaico e o hebraico falados coexistiram lado a lado, ambos se influenciavam na boca dos falantes e consequentemente uma mescla de hebraico bíblico, hebraico falado e aramaico se desenvolveu.

Com a ascensão da seita dos fariseus no século II a.c., uma intensa produção de palestras públicas e debates sobre a Lei ganharam frequência e destaque entre o povo. Estes eventos ajudavam seus participantes a desenvolverem e ampliarem suas habilidades linguísticas na formulação de ideias com a língua falada, mais tarde essas ideias e discussões foram compiladas criando uma coletânea de escritos contendo os preceitos, leis e comentários a respeito do Pentateuco, estes textos deram origem a Mishná. Cujos os escritos também foram usados como base para a elaboração do Talmude de Jerusalém e da Babilônia. Essa linguagem desenvolvida pelos eruditos que estudavam a Lei e engajavam-se em discussões sobre suas questões ficou conhecida como “hebraico mishnaico”, “língua da mischná” ou “linguagem dos sábios”. Esta forma de falar e escrever hebraico trouxe inovação à língua criando o tempo verbal presente, que segundo Chabim(1973) não existia na linguagem bíblica. Pode-se afirmar que os responsáveis pelo desenvolvimento dessa variante linguística do hebraico foram os rabinos da época comprometidos em ensinar ao povo a Lei Oral.

2.3. Período Medieval

Este foi um tempo realmente especial para o hebraico, considera-se que sua duração abrange o século VI da Era comum até o final do século XVIII, sendo marcado por intensa produção textual que lhe conferiu tanto riqueza vocabular quanto literária de caráter inigualável aos outros estratos da língua. Ao longo desse época, apesar de não ser mais utilizada como língua da fala cotidiana dos judeus, seu uso na escrita, literatura e obras religiosas rendeu diversas colaborações intelectuais para o enriquecimento da língua através do desenvolvimento de prosa, poesias religiosas e seculares, traduções e elaboração de livros éticos e religiosos como por exemplo o “Livro dos Hassidim”.

Os judeus produziram poesias litúrgicas conhecidas como piyutim, do qual resultou o fenômeno da criação de diversas novas palavras para expressar conceitos que não se podia explicar apenas com o vocabulário bíblico. Estima-se que durante o período medieval o hebraico contou com a adição de mais 5000 novas palavras ao seu léxico. É notável também que além de poesias religiosas, outras de caráter secular passaram a ser escritas.

Outro fato importante foi a influência marcante que línguas como o árabe e o aramaico exerceram no hebraico da era medieval. Alguns poetas como Salomão Ibn,

Moisés Ibn Ezra, Judah Halevi e Gabirol, foram responsáveis por trazer para a poesia hebraica o padrão da métrica poética árabe. Ocorreram muitas traduções de obras do árabe para o hebraico, o que gerou a necessidade da criação de novas palavras e adaptações do hebraico para expressar conceitos novos de textos filosóficos, matemáticos e científicos. Quanto às obras religiosas dos judeus, livros como o Talmude e o Zohar contém partes escritas em aramaico.

Nesta fase da língua foram escritas obras filosóficas em hebraico mishnaico e também o primeiro dicionário de hebraico e uma importante gramática intitulada *Tsachut Halashon*.

2.4. O renascimento do Hebraico como língua falada

A revitalização e renascimento do hebraico como língua falada não é simples e milagrosa, mas envolveu alguns pontos-chaves que podem explicar como seu renascimento se tornou possível. Este processo foi de caráter ideológico, cultural e social impulsionado por ideias nacionalistas difundidas entre os judeus da Europa. Aconteceu de forma gradual começando com o movimento da ilustração judaica, a Haskalá, cujo escritores tinham o desejo de escrever uma literatura hebraica secular que fosse capaz de descrever a realidade a sua volta, e para isso escolheram utilizar o hebraico bíblico como principal meio de expressão, pois viam-no como um modelo ideal de escrita por conter normas e padrões gramaticais estabelecidos - além do próprio resgate da questão emocional ligada ao passado do povo judeu com sua terra ancestral. No entanto, como veículo de escrita intelectual e literária, o hebraico bíblico mostrou-se ineficiente para suprir todas as demandas de novos vocabulários que pudessem atender as descrições da modernidade. Essa restrição forneceu combustível para que outros escritores judeus usassem pontes criativas para sua escrita.

Um escritor em particular, Mendele Moher Sefarim (Abramovitch), teve a brilhante ideia de utilizar a linguagem de outros períodos do hebraico para suprir a falta de palavras para retratar diálogos e descrições do cotidiano, assim nasceu uma mistura sintética entre elementos bíblicos, talmúdicos e mishnaicos. Essa nova forma de se expressar logo ganhou notoriedade e outros escritores como Bialik seguiram seu modelo aplicando-o em seus textos poéticos, possibilitando que a barreira purista da linguagem

literária da Haskalá fosse transposta, deixando o terreno aberto a inovações e expansão no vocabulário.

Mendele mostrou que se a língua hebraica tinha outras camadas além da bíblica, e como todas essas camadas eram a mesma língua, elas poderiam unir-se. Ele manteve o hebraico bíblico como base e o enriqueceu com vocabulários dos demais períodos da língua, desta forma preparou o caminho para que futuramente os judeus conseguissem voltar a utilizar o hebraico como língua do dia a dia. As obras de Mendele escritas neste novo estilo, mostraram tanta qualidade literária em sua expressividade, que, segundo Rabin(1963), são consideradas o verdadeiro início da literatura hebraica moderna. Na realidade essa forma de literatura viabilizou a acessibilidade da língua, construindo a base para a comunicação cotidiana que os renovadores do hebraico precisariam para modernizá-lo e ativá-lo como língua do dia a dia.

No entanto o movimento para o renascimento e revitalização do hebraico não foi apenas de caráter literário, os acontecimentos políticos ocorridos na Europa desempenharam um papel fundamental para que este cenário pudesse ser criado. Em especial os pogroms russos de 1881, perseguições brutais contra judeus residentes no país eclodiram e foi o catalisador para migrações em massas, incluindo jovens intelectuais que enxergaram na Palestina o lugar ideal para um novo recomeço. Dentre esses jovens, Ben Yehuda se uniu ao movimento migratório e decidiu ir para a Palestina. Ele é uma figura central no processo de renascimento do hebraico como língua falada, influenciado pelo espírito dos movimentos nacionalistas na Europa lutou ativamente para que os judeus restaurassem a sua nacionalidade, pois acreditava que a língua e literatura eram as ferramentas que poderiam ajudar neste resgate.

Yehuda foi autor da teoria de nacionalismo judaico e defendia que se os judeus tinham um idioma no qual podiam ler e escrever, eles também podiam usá-lo para falar e retornar ao seu lugar devido de língua oficial da nação judaica. Esta forma de pensar era inédita e revolucionária, pois o hebraico por 1700 anos assumiu um papel de língua litúrgica e literária, era sagrado demais para ser profanado como linguagem secular.

As ideias de Yehuda inicialmente não foram bem aceitas pela comunidade judaica mas aos poucos foi ganhando força. Imigrou para Palestina em 1881 e lá trabalhou ativamente para que o hebraico fosse revitalizado e voltasse a ser falado, ele não aceitava a ideia de um povo moderno bilíngue ou que utilizasse línguas diversas em todos os setores de sua vida, era necessário uma língua unificada, sua visão unia o

nacionalismo judaico ao hebraico falado pois ele entendia que era essa língua que guardava as memórias históricas coletivas do povo judeu.

Yehuda foi mentor de diversos projetos e ações que ajudaram no renascimento da língua hebraica. Articulou a teoria nacionalista publicada em um artigo intitulado "Schedá Nikibadá" (Uma Questão Importante) em Viena no ano de 1879 e sua migração para Palestina o colocou em contato com judeus que conseguiam utilizar o hebraico como língua de negociações nos mercados e jovens dispostos a falar o hebraico. Em seu novo lar implementou de forma radical o uso exclusivo do hebraico dentro de sua casa, essa atitude fez com que seu filho recém nascido se tornasse o primeiro falante de hebraico como língua materna em 1700 anos. Promoveu insistentemente que o hebraico fosse falado em todos os âmbitos da vida social. No entanto, foi a ideia de Yehuda de introduzir o hebraico como língua de instrução nas escolas que tornou realidade o seu renascimento futuro, ele mesmo passou a ensinar hebraico em hebraico na escola da Alliance Israélite Universelle em Jerusalém, e graças a seus árduos esforços em difundir tal idealismo, mais tarde escolas de todo país foram influenciadas a ensinar hebraico dessa maneira, contribuindo de fato para o restabelecimento do hebraico como língua falada. Além dessas ações, Ben Yehuda também criou diversas palavras novas para o cotidiano como מילון (milon: dicionário), שעון (shaon: relógio) e עיתון (iton: jornal). Iniciou o projeto de um dicionário hebraico, que cobriria todos os substratos da língua, o Thesaurus Totius Hebraicitatis (1908), o qual foi completado postumamente por outros colaboradores em 1958. Fundou junto a David Yellin e outros, o “Comitê da Língua Hebraica” (1889) em Jerusalém, cujo objetivo era cunhar novas palavras para o uso diário, estabelecer regras de uso e pronúncia, além de ampliar o uso do hebraico em todos os setores da sociedade. O Comitê atuou por alguns meses e em 1953 foi substituído pela atual Academia de Língua Hebraica.

Em resumo, a luta de Yehuda e todos os outros judeus revolucionários de seu tempo resultou no estabelecimento do hebraico como língua da nação, oficializado formalmente em 1921 pelo Mandato Britânico atuante na Palestina, ao escolhê-lo como umas das três línguas oficiais da região junto ao árabe e ao inglês.

O hebraico ao ser reavivado passou por modernizações graças aos inúmeros esforços tanto de Yehuda, como de diversos professores, intelectuais e acadêmicos através da criação de diversas novas palavras hebraicas. Mas essa não foi a única forma que o hebraico ampliou seu léxico. O ambiente multilingue provido pelas migrações em

massa de judeus de diversos lugares do mundo para o recém criado Estado de Israel, resultou em influências linguísticas trazidas por esses novos imigrantes. Especialmente influências das línguas faladas pelos judeus oriundos da Europa. Muitas palavras da cultura popular, tecnologia, política, culinária e vida cotidiana entraram na composição do léxico, alguns breves exemplos dentre eles são: ברוקולי(brokoli), טלפון(telefon) e פוליטיקה(politika), os quais circulam na língua até hoje.

3. A ACADEMIA DE LÍNGUA HEBRAICA

O processo de reavivamento da língua hebraica gerou a necessidade de adequar o hebraico ao mundo moderno, contudo mantendo sua natureza original inerentes aos textos bíblicos. A criação de novas palavras para nomear e expressar conceitos concretos e abstratos que não existiam nesses tempos tornou-se inevitável. Para cumprir este propósito, foi fundado em 1890 por Ben Yehuda o Comitê da Língua Hebraica.

Porém, após a fundação do Estado de Israel em 1953, o Comitê foi substituído pela Academia de Língua Hebraica(האקדמיה ללשון העברית: Ha-Aqademya la-Lashon ha-Ivrit). A academia tem a função de gerir a língua definindo regras e padrões para a gramática e lexicografia do hebraico moderno, e para isso adota políticas linguísticas bastante rígidas, cuja finalidade é garantir que o hebraico continue preservando suas características semíticas e identidade nacional. Suas decisões, apesar de nem sempre serem completamente assimiladas pela sociedade israelense, são amplamente adotadas por todos os órgãos governamentais, educacionais e científicos do país.

Para realizar tamanha tarefa exaustiva, a academia conta com intelectuais oriundos das mais diversas áreas relacionadas ao estudo da linguagem. Possuindo membros escritores, linguistas, tradutores e acadêmicos especializados nos diversos períodos e substratos do hebraico.

Dentre as funções da academia, estão a de criação e cunhagem de palavras novas, cuja finalidade é atender a necessidade de expressões para novos conceitos da modernidade que surgem frequentemente, principalmente devido ao surgimento de novas tecnologias. Desta forma, a instituição possui um papel importante no monitoramento da entrada de termos estrangeiros dentro do hebraico moderno e sua preferência será sempre fornecer um termo hebraico a fim de evitar novos empréstimos na língua.

3.1. Purismo e Políticas Linguísticas no Hebraico Moderno

A história do purismo no hebraico moderno remota do período da Haskalá¹. Os esforços dos escritores desta época, os primeiros a iniciarem a secularização do hebraico, teve um grande papel em como a língua considerada sagrada deveria ser escrita e falada. Eles acreditavam que o hebraico dos tempos bíblicos era puro, sem erros ou influências estrangeiras. Esse processo de resgate da língua sofreu influência do ideais nacionalistas do movimento sionista² e teve o intuito de manter o hebraico o mais fiel possível a forma como era usada no período bíblico. Essa fase da língua seria portanto o modelo ideal, pois remeteria a um tempo em que o povo judeu tinha seu próprio país e língua oficial - duas características importantes e cruciais na identidade nacional de um povo. Consequentemente, para eles, a linguagem ancestral precisava ser preservada, ainda que a necessidade de adaptação da língua à modernidade fosse imperativa.

Segundo Jota(1981), o purismo trata-se da obediência excessiva à pureza da língua o que leva ao repúdio de neologismos, estrangeirismos e gírias. O purismo seria, portanto, uma visão deformada da língua.

Para Trask(2004), quase todas as línguas estão em contato e por esta razão se torna comum que recebam palavras e elementos linguísticos de origem estrangeira. Porém, eventualmente, há falantes da língua receptora que protestam contra isto, reforçando a crença de que esses empréstimos são uma forma de contaminação que mancha a pureza da língua.

As características do purismo no hebraico moderno são perceptíveis na forma como a língua é gerida, principalmente no que diz respeito a política de adoção de termos estrangeiros dentro do idioma - para isto a Academia de Língua Hebraica possui um sistema de seleção e avaliação bastante rigoroso. A primeira opção nunca será optar pela introdução do termo estrangeiro, mas sim buscar alternativas hebraicas em fontes nativas. Desta maneira, quando surge a necessidade de criação de novos termos, a academia aciona comitês especializados que são responsáveis pela elaboração de listas de palavras candidatas.

¹Conhecido também como Iluminismo judaico.

² Movimento judaico de caráter ideológico-político, cujo objetivo principal era estabelecer um lar nacional para o povo judeu.

Para realizar a tarefa, os membros dos comitês optam por considerar como fontes confiáveis os escritos antigos, em particular os textos bíblicos, tanaíticos e também posteriores do hebraico, a fim de garantir que a identidade linguística e pureza do hebraico sejam preservadas.

A abordagem utilizada para a expansão do léxico ainda é como nos dias do do antigo Comitê da Língua Hebraica: pesquisar e encontrar palavras antigas não utilizadas para preencher lacunas lexicais.

A Academia tem a preferência de fazer o possível para impedir a influência de línguas estrangeiras no hebraico moderno devido ao receio de mudanças significativas na estrutura da língua. Em seu processo de criação de novas palavras, a sua tendência é conservar os métodos usados pelo antigo Comitê da Língua Hebraica. Primeiro buscam por uma palavra hebraica adequada nas fontes tidas como confiáveis. Caso não tenham sucesso, tentarão usar uma raiz hebraica aliada a um padrão derivacional hebraico que seja conveniente à palavra de interesse. Um exemplo ilustrativo são palavras para designar doenças como o termo para ‘rubéola’, a raiz hebraica אד"ם foi unida ao padrão derivacional *qatelet*, dessa maneira foi formado o termo אדמת (ademet: rubéola).

No entanto, se os métodos anteriores não produzirem o efeito desejado, a Academia poderá usar outro princípio, que consiste em buscar palavras candidatas apropriadas em outras línguas semíticas como o aramaico ou árabe. Caso não encontrem, recorrerão a línguas não semíticas em busca de algum elemento, como por exemplo, quando surgiu a necessidade da criação de uma palavra para o termo ‘escova’, foi utilizado a raiz da palavra alemã ‘Bürste’ que inspirou a criação de מברשת (mivreshet: escova). Se ainda assim, esses métodos não funcionarem, poderão recorrer ao empréstimo de uma palavra estrangeira para expandir o léxico, exemplos de empréstimos oficiais e de uso frequente são os termos estrangeiros רדיו (radyo: rádio) e טלוויזיה (televyzya: televisão). E como último recurso, quando inevitável, um neologismo será criado. O uso de neologismos com base hebraica é sempre preferível, pois é de interesse da Academia a minimização dos efeitos que influências estrangeiras possam causar no hebraico. Essa atitude visa impedir que o hebraico copie de outras línguas a forma como pensam e explicam o mundo, revelando dessa forma um zelo considerável e purista na administração do idioma.

Mas apesar destas tendências puristas na gestão do hebraico moderno, tanto os princípios do antigo Comitê quanto da atual Academia, historicamente nunca se

recusaram a adotar empréstimos de palavras quando os recursos disponíveis não podem fornecer os resultados desejados. Então o empréstimo torna-se aceitável a ter que traduzi-lo ou fornecer-lhe uma palavra hebraica equivalente. A Academia de Língua Hebraica entende que a língua é dinâmica e está em constante evolução. Portanto, a busca pelo equilíbrio entre o desenvolvimento natural da língua e as políticas linguísticas de cunho purista torna-se parte do desafio em seu trabalho.

3.2. Políticas Linguísticas para termos estrangeiros

Uma discussão que ocorre frequentemente dentro da Academia de Língua Hebraica é sobre a adoção de palavras estrangeiras. Para deliberar sobre estas questões existem dois comitês para casos específicos em relação a termos provenientes de outros idiomas. Um comitê para terminologias profissionais e outro para palavras de uso geral na língua. O primeiro trabalha organizando listas com palavras hebraicas e seus equivalentes estrangeiros e conta com a participação opinativa de profissionais que trabalham nos ramos de atuação do qual a terminologia está associada para ajudar na decisão de adotar ou não aquele termo. O segundo comitê, o de palavras de uso geral, tem a função de sugerir alternativas hebraicas para as opções estrangeiras.

Os comitês da Academia de Língua Hebraica organizam, discutem e analisam a relevância quanto a um novo termo estrangeiro poder propagar-se e transitar dentro do idioma, levando em consideração se a adoção deste termo é realmente necessária ou se um neologismo deve ser criado para descartar o empréstimo. No entanto, a preferência é sempre buscar por termos apropriados já existentes nos textos antigos do hebraico, e se necessário optar pela sutil mudança de significado.

O processo para adoção de empréstimos é bastante meticuloso e a instituição e as políticas adotadas têm o objetivo de preservar e proteger as raízes judaicas e semíticas da língua hebraica. Dessa forma, alguns critérios são aplicados e considerados:

1. Procura-se avaliar e investigar se há mais de um termo correspondente em hebraico para este novo termo estrangeiro, se confirmado, opta-se pela escolha de um destes;
2. Averigua-se se a adaptação e acomodação estrutural e fonética é simples para o falante;

3. Perguntas avaliativas com intenção de analisar se de fato é recomendado aderir a este novo termo exterior são feitas:

- a. Existe dependência cultural para esse novo termo?
- b. Dentro do acervo lexical do hebraico moderno há formas correspondentes derivadas de verbos e adjetivos?
- c. É possível criar novas palavras a partir de termos já existentes na língua?
- d. O termo estrangeiro tem uso universal?

Diante da investigação, torna-se então possível cogitar e confirmar se esse termo estrangeiro se tornará uma nova palavra no léxico da língua ou será descartado. Por exemplo, (Gadish, 2013) narra que ao tentar cunhar um novo termo para a palavra globalização, em hebraico גלובליזציה (globalizatsia), nenhuma alternativa viável foi achada pela Academia de Língua Hebraica. Verificou-se o adjetivo עולמי (olami: global), derivado de עולם (olam: mundo), como um termo correspondente na língua. O desafio seria então criar uma nova palavra a partir dessa mesma raiz, a qual carrega um significante muito diferente do intencionado, ע-ל-ם (-l-m: desaparecer). Por conseguinte, as palavras תבל (tevel) e חלד (rreled) → (mundo), foram também consideradas como candidatas para substituição do empréstimo. Porém, como de qualquer modo chegou-se a conclusão que ambos os termos carregavam um significado distinto do sentido de globalização, abortaram a cunhagem de um substituto ao empréstimo e decidiram por mantê-lo em circulação oficialmente.

Por outro lado, às vezes, ainda que Academia de Língua Hebraica consiga criar uma palavra para substituir o empréstimo, nem sempre os falantes acabam acatando a decisão da instituição, um exemplo é o caso do adjetivo בעייתי (b'ayati: problemático) embora seja uma palavra de origem hebraica aprovada pela Academia, o uso de פרובלמטי (problemati: problemático) emprestado do inglês persiste.

É inevitável que empréstimos sejam assimilados nas línguas humanas, pois ainda que existam alternativas praticáveis, em última instância, o falante é quem por força do hábito decidirá manter aquele termo em seu vocabulário. Se uma palavra existente em sua língua materna é raramente usada, e esse falante não tem familiaridade com o termo, nesse aspecto, a tendência de usar o termo da moda mais difundido na fala cotidiana, seja por influência da mídia ou por questão de status será a escolha automática e assim o empréstimo ganha domínio e é adotado.

4. EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS NO HEBRAICO MODERNO E SEUS TIPOS

Os empréstimos no Hebraico Moderno originam-se de diversas fontes exteriores de onde lhe foram emprestadas palavras, como do Alemão, Yiddish e Ladino durante o período de densa imigração dos judeus da diáspora para o recém criado Estado de Israel. Todo este contato linguístico enriqueceu o hebraico moderno não apenas como palavras novas, mas deixou traços em todos os níveis da língua. Segundo Gianto (2013), os empréstimos de palavras e construções sempre ocorreram no hebraico, desde os estágios mais antigos até o presente. No caso do Hebraico Moderno, os empréstimos linguísticos são tanto de natureza lexical quanto não-lexical e podem ser classificados em tipos lexicais, semânticos, decalcados, morfológicos, sintáticos e até fonéticos. Os tipos de empréstimos mais notáveis e abundantes são os de origem lexical, muitas palavras foram tanto emprestadas de línguas em contato através das experiências de bilinguismo dos judeus, quanto da influência dos constantes avanços tecnológicos e efeitos da globalização. Na atualidade, duas línguas de grande predominância de empréstimos no hebraico são o inglês, sendo sua influência notável desde 1950, e o árabe, devido a proximidade cultural e territorial com seus falantes. Do árabe em especial o hebraico moderno empresta muitas gírias, termos culinários e palavras de cunho ofensivo.

4.1. Empréstimo Lexical

De acordo Sandmann(1990), o empréstimo lexical consiste em palavras ou signos estrangeiros que entram na língua receptora integralmente, com seu significado completo. Podendo haver resistências em sua integração ao novo sistema linguístico devido aos fonemas ou sílabas estranhas para a língua de chegada.

Segundo Shlesinger(2013), os empréstimos lexicais do hebraico passam por diferentes graus de naturalização, quanto mais adaptados às regras gramaticais e fonológicas da língua, mas naturalizadas ao falante serão.

Alguns desses empréstimos não são adaptados totalmente à língua, no entanto, estes são fáceis de identificar pois ainda não sofreram naturalização completa e preservam ao máximo possível seus aspectos ortográficos, fonológicos e morfológicos.

Na língua portuguesa é possível observar alguns destes empréstimos originados do inglês: freezer, show, blazer, hobby, hobbies e campi. No hebraico de forma semelhante existem diversos empréstimos lexicais que entram com pouca ou nenhuma alteração e são transliterados para o hebraico. Alguns exemplos são os estrangeirismos como פקס(fax), אינטרנט(internet), רדיו(radio), מוסיקה(musika) e סטודנט(student). Dentre esses tipos de empréstimos lexicais há muitos deles que conseguem aumentar seu grau de naturalização, integrando-se morfologicamente a língua, passando a receber morfemas hebraicos de número e gênero como em: סטודנט-סטודנטים e סטודנטיות-סטודנטיות.

Empréstimos lexicais costumam também violar regras fonéticas-fonológicas da língua. Por exemplo, diferente da regra de tonicidade padrão do hebraico consistir em recair sobre a sílaba final, o usual é que palavras emprestadas continuem preservando a sílaba tônica assim como na língua original, como em אוטובוס (otobus) - אוטובוסים (otobusim).

Palavras iniciadas com as letras ב-פ-ק(b-p-q) ignoram as regras de alternância oclusiva-fricativa da norma gramatical do hebraico: בנק(bank: banco)→ובנק(ve-bank). Nas palavras hebraicas essas consoantes, que pertencem ao grupo begadkefat, perdem o daguash fraco causando mudanças na forma como são pronunciadas.

Alguns empréstimos lexicais poderão ter sua grafia adaptada, este é o caso de palavras originadas de línguas européias como inglês e francês, onde o falante de hebraico precisa fazer um esforço fonético adaptativo, que na escrita é grafado e representado pelo sinal de apóstrofe junto as consoantes ג' (gimel) e ז'(zain): *ginger* (גינג'ר,gingi: ruivo) e *garage* (גראז'י, garaj: garagem). Já em palavras como טוויטר (Twitter) e וושינגטון (Washington) a letra ו(vav) é dobrada para representar o som de /w/.

Segundo linguistas como Carvalho(2009), dentre os diversos tipos de empréstimos linguísticos existentes em uma idioma, quanto aos de origem lexical, são os substantivos e os adjetivos os mais frequentes devido a característica flexível do sistema lexical para sofrer renovações e mudanças.

Em pesquisas recentes produzidas por Rosenhouse e Fisherman(2008), foram observadas e examinadas a presença de inúmeras palavras inglesas nos mais diversos tipos de jornais de notícias israelenses escritos em hebraico. Os pesquisadores constataram que os grupos lexicais mais emprestados são adjetivos e substantivos. E, para ambos, os substantivos são os termos que costumam ser mais emprestados entre línguas em contato. Dessa forma, concluíram que no caso especial do hebraico, a

adoção considerável de adjetivos reflete a escassez desses termos lexicais herdados do hebraico bíblico, preenchendo uma lacuna no hebraico moderno relacionada a novos meios que permitam expressividade mais amplificada para a língua.

Shlesinger(2013), corrobora que no hebraico moderno de fato a maioria dos empréstimos em seu léxico são substantivos e a metade adjetivos. Já o sistema verbal e adverbial são sistemas mais fechados a acomodação de elementos de origem estrangeira. Muitos desses empréstimos preenchem lacunas nas áreas da comunicação, terminologias profissionais e assuntos sociais no geral. Alguns exemplos são: פוליטיקה (politika), אפ-דייט (up-deit), פריים-טיים (prime-time), גרנדיוזי (grandiozi), מגניב (magniv), אמפירי (empiri) e קאנוני (kanoni).

A lista a seguir traz alguns exemplos de empréstimos lexicais de uso produtivo na língua falada selecionados de acordo a origem:

- (1) Inglês: קוקטייל (cocktail), דרינק (drink) e סופרמרקט (supermarket)
- (2) Italiano: פסטה (pasta), גורגונזולה (gorgonzola) e סלמי (salami)
- (3) Francês: אומלט (omelet), בוטיק (butik) e מודל (model)
- (4) Árabe: בלטה (balata: tolo), אהל (arrla: ótimo) e לבן (leben: leite azedo)
- (5) Línguas eslavas: בלגן (balagan: bagunça), בייגלה (beygale: pretzel) e כימיה (rrimia: química)
- (6) Ladino: בקלווה (baklava), פסטל (pastel), פיתה³ (pita)

4.2. Empréstimo Não Lexical

Os empréstimos de fonemas, morfemas e padrões sintáticos são aqueles de caráter não lexical, que podem sim ocorrer, porém são mais raros. Seus conjuntos de elementos, tanto no hebraico como em qualquer outra língua, são fechados em pequeno número e não são um sistema flexível e em expansão como o acervo lexical. Dessa forma se torna mais difícil serem adotados de uma língua para outra. Mas isso não quer dizer que esses empréstimos não ocorram no Hebraico Moderno, segundo Yadaïm-Israel(2013), o hebraico contemporâneo apresenta traços de contato linguístico

³ Apesar de estar relacionada ao pão árabe, a palavra pita no hebraico entrou no léxico através do ladino. Outro ponto a ressaltar, é que o som de 'p' não existe no árabe.

em todos os seus níveis: lexical, morfológico e sintático. O que testemunha como diversas línguas estrangeiras influenciaram o hebraico.

4.2.1 Empréstimo Não Lexical: tipo morfológico

Os empréstimos mais comuns nesta categoria são os de prefixos e sufixos. As línguas eslavas contribuíram com alguns morfemas bastante produtivos que ajudaram na expansão no léxico do Hebraico Moderno. A influência do Yiddish, emprestou o prefixo de origem russa -nik, que é usualmente afixado em substantivos relacionados a pessoas, sendo observados em palavras como קיבוצניק (kibutznik: membro do kibbutz), מילואימניק (milu'imnik: reservista) derivado de מילואים (milu'im 'reserva militar') e כלבוניק (kolboynik: pau pra toda obra).

Outros morfemas russos emprestados ao hebraico moderno são os sufixos diminutivo -ik/ -čik e -uš, que no hebraico costuma-se afixar em nomes próprios, substantivos e adjetivos. Esses sufixos costumam ser usados como uma forma de falar carinhosamente. Por exemplo, no adjetivo חמוד (rramud: fofo) quando afixamos o sufixo -ik, torna-se, חמודיק (rramudiq: fofinho). Mais exemplos para esse fenômeno são אריק (ariq, formado a partir do nome próprio ארי ari / אריה arye) e בחורצ'יק (barrurtsiq: rapazinho, formado a partir do substantivo בחור baxur: rapaz), מותקוש (matoquš: docinho, formado a partir de adjetivo מתוק matok: doce).

As terminações provenientes de línguas do Leste europeu como -ika e -(s)ya podem ser vistos em palavras com base estrangeiras de uso frequente como מוסיקה (muzika:música) e מניפולציה (manipulatsya: manipulação).

Na realidade não é tão incomum deparar-se com prefixos e sufixos derivacionais estrangeiros anexados a bases estrangeiras emprestadas ou nativas do hebraico, como exemplos podemos citar as palavras אקס-טריטוריאלי (eqs-teritoryali: extra-territorial), אנטישמי (anti-semi: anti-semita), פרו-אשראלי (pro-yiśre'eli: pró-Israel), רה-ארגון (re-irgun: reorganização) e outros prefixos como מיני- (mini), מקסי- (maqsí: maxi-) e ניא- (neo).

Do árabe, palavras como חיפוי (rreifáwi: homem de Haifa) e נחלאוי (narrláwi: homem do Narral; da unidade militar de Narral), emprestaram o sufixo adjetival -āwi, usado para associar uma pessoa a um determinado local de origem. Alguns padrões morfológicos árabes também podem ser encontrados no léxico moderno do hebraico,

porém geralmente no registro coloquial ocorrendo em palavras de conotação negativas que foram adequadas ao padrão *maful*, o particípio passado do árabe, produzindo vocábulos como: מסטול (mastul: dopado, do árabe mastúl), מגעול (mag'ul: repugnante) com raiz nativa hebraica גע"ל (g-'l) e מסררה (masrurr: miserável) produzido com a raiz hebraica סר"ה (s-r-x). Um segundo paradigma que circula em gírias hebraicas originam-se do árabe palestino utilizando o padrão emprestado *fá'la*, alguns exemplos são אבו נפחה (abu narra: uma pessoa arrogante), בטלה (batla: estado de ociosidade) e באסה (basa: decepção).

4.2.2 Empréstimo Não Lexical: tipo sintático

Há alguns exemplos notáveis de como as línguas européias, dentre elas o Russo, Yiddish, Alemão e Inglês influenciaram a sintaxe do hebraico moderno. As línguas mais faladas pelos judeus imigrantes para o recém Estado de Israel serviram como fonte de padrões sintáticos emprestados. Eles podem ser observados na forma como israelense vem falando hebraico.

A seguir alguns exemplos de destaque demonstram como a estrutura sintática do hebraico moderno em certa nível recebe influência estrangeira:

Atualmente a adoção da ordem SVO(sujeito - verbo - objeto) para os constituintes da oração no lugar da forma semítica VSO(verbo-sujeito-objeto) pode ser vista na escrita e na fala. Embora as duas maneiras coexistem, a ordem sintática baseada nas línguas indo-européias já se consolidou no Hebraico Moderno Israelense. Então enquanto no Hebraico Bíblico faz-se בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ (bereshit bará Elohim et a shamaim ve et a aretz: No princípio Criou Deus os céus e a terra), na atualidade os falantes preferem a ordem SVO: אֲנַחְנוּ אוֹהֲבִים לִקְרוֹא סְפָרִים. (Anarrnu ohavim liqró sfarim: Nós gostamos de ler livros.), trocando assim a ordem do sujeito e do verbo para a forma ocidental.

Por influência eslava na sintaxe, existe uma preferência do falante em usar a construção atributiva sujeito + adjetivo com o sufixo -i ao invés do Estado Construto da gramática hebraica. Esse tipo de construção emprestada costuma ocorrer em termos associados a medicina, áreas profissionais e da educação. Exemplos são: פסיכולוג (psirrolog rrinurri: psicólogo educacional) e מצב בריאותי (matzav briuti: estado de saúde).

Outro exemplo se dá na forma como o pronome demonstrativo זה(ze: este, isso) tem sido usado. Apesar da existência de cópulas na estrutura gramatical culta do hebraico moderno - caso em que o pronome pessoais assume a função de verbo de ligação em frases nominais, זה tem sido usado no hebraico informal como verbo de ligação (é/são), independente do gênero e número, e sem as devidas concordâncias nominais. Um exemplo seria: זה לא משחק(ha-rraim ze lo messarrek: A vida não é um jogo). Esse tipo de padrão é uma característica que ocorre em línguas eslavas como no russo e polonês em que uma partícula deíctica faz papel de cópula, por exemplo, no russo a partícula, *eto*, faz essa função:(Zizn' — eto bor'ba: A vida é uma luta).

4.3. Empréstimo Semântico

Esta forma de empréstimo ocorre a partir de palavras existentes na língua receptora ou nativa que sofreram uma mudança de significado ou ampliação de sentido no seu campo semântico sob a influência de uma palavra estrangeira. Resumidamente, de acordo Carvalho(2009), trata-se apenas de um empréstimo de significado. Para ilustrar melhor esse conceito temos o exemplo clássico no português do termo computador, usado inicialmente para designar a pessoa que computa, aquele que faz cálculos, posteriormente por influência do inglês passou a nomear a máquina.

No hebraico israelense de forma semelhante algumas palavras nativas sofreram influência de uma palavra estrangeira, resultando em novas mudanças, adições ou inovações no significado do termo semelhante já existente na língua.

Um exemplo conhecido é o caso da palavra כוכב(corrav:estrela) que apesar de seu significado primário designar um corpo celeste. Por influência do inglês teve seu campo semântico expandido, passando a significar também uma pessoa do mundo do entretenimento que é muito famosa, ou seja, uma celebridade.

Outros bons exemplos de empréstimos semânticos no hebraico moderno são as palavras עכבר(*arrbár*), o animal rato, que ganhou do inglês significado adicional de 'mouse' para descrever o dispositivo usado para dirigir o cursor na tela do computador e a palavra hebraica רשת(reshet), que originalmente designa rede (como a de pescas), mas por influência também do inglês seu campo semântico ganhou mais um novo sentido: network, a rede de computadores, assim como internet. Ainda que nesse último

caso a palavra de origem estrangeira *ינטרנט*(internet) seja amplamente utilizada pelos falantes de hebraico.

Às vezes pode também ocorrer o empréstimo do signo estrangeiro mas um novo significado ser adotado via reestruturação semântica. Por exemplo, a palavra *פנצ'ר*, emprestada do inglês “puncture”(punção), entrou no hebraico com seu significado original mas com o passar do tempo ganhou um novo sentido, “pneu furado”, usado para descrever situações acidentais ou de contratempo. A palavra francesa “vitrage”(vidraça), que era inicialmente usada para descrever envidraçamentos de qualquer tipo, entrou no hebraico como *וִיטְרַאז' (vitraj)*, e ganhou o novo significado de vitral, o vidro artisticamente colorido normalmente usado em igrejas, sinagogas e edifício. Esses exemplos mostram que os empréstimos linguísticos também sofrem influência da língua que os recebe, pois a forma de pensar do falante e a cultura moldam o significado de acordo com sua realidade.

4.4. Decalques

O decalque, ou do francês *calque*(copiar), trata-se de uma ferramenta usada quando não se quer adotar um vocábulo estrangeiro, mas existe a necessidade da introdução de uma nova palavra ou expressão no léxico.

É um mecanismo linguístico que se apresenta como uma alternativa ao empréstimo lexical direto, e ele tanto pode acontecer de forma planejada quanto de forma espontânea. Ele consiste na tradução literal do elemento lexical estrangeiro usando o vernáculo da língua de chegada para camuflar o empréstimo. Uma maneira comum disso acontecer é quando novas tecnologias ou conceitos são introduzidos na língua receptora, os tradutores e especialistas criam calques do termo estrangeiro a fim de suprir a falta deste conceito na sua língua materna. Outra forma de ocorrência desse fenômeno é de maneira espontânea, que ocorre de forma involuntária, falantes bilíngues adotam expressões idiomáticas estrangeiras e acabam fazendo traduções inadequadas.

Mas apesar de controverso, por questões que podem ser políticas, culturais ou mesmo religiosas, há puristas da língua que preferem incentivá-lo com a intenção de preservar o máximo possível a identidade vernacular de seu idioma quando novos conceitos estrangeiros chegam e não se deseja empregar a palavra de origem exterior. Por outro lado, alguns puristas temem que o uso dessas traduções de empréstimo

influencie significativamente a forma de pensar do seu idioma nativo. Em essência, esse tipo de mecanismo é uma forma de empréstimo linguístico disfarçado ou camuflado e quando é adotado pela língua de chegada, ele pode se acomodar preservando a forma original de sua estrutura e ordem dos componentes na língua estrangeira ou alterar esta ordem. Como exemplos ilustrativos no hebraico moderno temos as palavras de amplo uso, יררה דבש (yerarr dvash), uma tradução da palavra inglesa “honeymoon”, que em hebraico literalmente quer dizer ‘lua/mês de mel e גן ילדים (gan yeladim), literalmente “jardim de crianças”, traduzido diretamente da palavra alemã de mesmo significado, “kindergarten”.

De acordo com Shlesinger (2013), os calques no hebraico moderno são resultados da deficiência lexical sofrida pela língua, especialmente nos primeiros anos após seu renascimento como língua falada. Como consequência a situação era remediada pela tradução do conceito estrangeiro para o hebraico. Shlesinger aponta que atualmente a maioria dos falantes não conseguem reconhecer esse tipo de influência estrangeira decalcadas de outro idioma pois são palavras ou frases compostas por itens lexicais hebraicos. Ou seja, a camuflagem nativa naturaliza o termo estrangeiro traduzido, de forma que os falantes não percebem a presença dele em sua língua.

As origens dos calques no hebraico israelense são diversas e mostram como o dinamismo e contato entre as línguas é de fato presente na evolução e expansão de seu vocabulário. Alguns exemplos são:

De origem alemã circula no léxico hebraico as palavras גן חיות (gan rraiot: zoológico), traduzido de *tiergarten* (jardim de animais), בית חולים (beit rrolim: hospital), literalmente do alemão *krankenhaus* (casa de doentes) e a expressão “*Quatsch mit Soße*”, que foi traduzida para o hebraico como שטויות במיץ (setuyot be-mitz: literalmente “besteira com molho”), usada para desprezar as palavras de alguém como pura bobagem. Do inglês termos como *time machine* (מכונת זמן, merronat zman: máquina do tempo), *It feels good* (זה מרגיש טוב, ze margish tov: É uma sensação boa/É bom), *Take your time* (קח את הזמן שלך, qarr et a-zman shelrrar: Sem pressa/Leve o tempo que precisar), *soundtrack* (פסקול, pasqol: tira/faixa de som) e *take a picture* (לקחת תמונה, lakarrat tmuna: tirar uma foto), usado em alternativa ao verbo hebraico לצלם (lêtzalem: fotografar). Já das línguas eslavas podemos destacar a expressão אל תקשקש בקומקום (al teqasqes ba-qumqum; yiddish: hak nit kein chainik), literalmente “*não faça barulho na chaleira*”, usado para ordenar que o receptor pare de falar bobagens, e do russo as

expressões coloquiais ועוד איך (ve-od err: e como!, em russo: i esco kak), e אין בעד מה (en be-ad ma: de nada, em russo: ne za cto).

4.5. Empréstimo Camuflado

Outro tipo de empréstimo lexical que não é possível identificar facilmente a não ser que se conheça sua etimologia, é o tipo camuflado, a técnica usa elementos morfológicos e padrões de formação de palavras da língua estrangeira combinados com elementos fonéticos e semânticos de língua receptora. Desta forma a nova palavra criada terá aparência de nativa aos seus falantes.

O linguista australiano Zuckermann(2003) argumenta que existem palavras cunhadas no hebraico moderno que se enquadram nesta categoria. Em sua visão, ainda que o novo termo criado tenha nascido dentro da língua hebraica, e se pareça morfolologicamente com elementos nativos, se o pai dessa palavra é estrangeiro, trata-se portanto de um empréstimo camuflado. Ele cita o caso da palavra usada para designar ‘óculos’, משקפיים (‘mishkafaiim), que por influência do grego antigo sua criação foi artificialmente induzida. Pegou-se a raiz bíblica, שקפ (‘s-k-), que originalmente significava “dobrar, arquear” e posteriormente passando a denotar ‘olhar ou espreitar’ (em Provérbios 7:6), e então combinou-a ao padrão nominal hebraico miCCaC + o sufixo dual -יים ‘aim’ que normalmente é utilizado para substantivos que denotam pares como em יָדַיִם (iadaim: mãos).

A raiz foi escolhida por semelhança fonética com a palavra grega ‘skopéo’, fazendo desta forma sua etimologia ser simultaneamente grega e bíblica. Ele chama esse tipo de fenômeno de “multisourced neologism”, em tradução livre, *neologismo com múltiplas origens*. Este é um tipo de empréstimo que carrega influência fonética e semântica estrangeira podendo ser comparado a um calque fonético-semântico. Alguns linguistas como Haheg(1986:257), segundo o próprio autor classifica esse empréstimo como “calque fonético” e Toury(1990) como transposição fonética.

Este fenômeno também acontece com algumas palavras que possuem correspondência fonética com inglês: כבל (kevel: cable), להיט (lahit: hit/best-seller) e קלטת (kaletet: cassette).

4.6. Insultos como empréstimos

Na língua vista por pessoas religiosas como sagrada, esta é uma categoria interessante de empréstimos. Os falantes de hebraico são humanos e também possuem sentimentos diversos, naturalmente zombar e insultar alguém faz parte das relações humanas entre os indivíduos. Curiosamente, grande parte das palavras usadas para ridicularizar e insultar provém de línguas estrangeiras, muitos destes termos originam-se do yiddish, do árabe e do inglês.

Algumas são palavras soltas e outras são calques de frases inteiras. Por exemplo, do árabe alguns empréstimos são: מעאפן (maafen), que significa "ruim, inferior"; אבו ארבע (abu arba) usado principalmente por crianças para ofender quem usa óculos, em português equivale ao clássico “quatro olhos”; סמורטה (samurta), termo usado para insultar mulheres ofendendo sua dignidade, comparando-as a pessoas envolvidas em atividades de cunho promíscuo e sexual; אלק (alek), da frase árabe “*ala lak*”, usado pra dizer que alguém é falso.

Do yiddish temos דרעק (dreq: merda) e שק בתחת (shak ba-tachat: “beije meu traseiro”) expressão que é utilizada para desprezar uma pessoa e קסוקר (qasoqer: vesgo). E do inglês algumas expressões como “*son of a bitch*”: בן כלבה (ben kalba) e “fuck you” foram calqueadas e circulam na linguagem informal. Por fim do alemão existem algumas palavrinhas que também aparecem na categoria de insultos emprestados como אידיוט (idiot) e דביל (debil).

Todos esses exemplos mostram como o falante traz para seu léxico influências de suas experiências linguísticas e culturais adquiridas na comunidade em que vive.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ponderar que o processo de renascimento e revitalização do hebraico como língua falada foi de certa maneira artificial e planejado, o objetivo inicial dessa pesquisa era mostrar como os empréstimos lexicais contribuíram para a composição do léxico do Hebraico Moderno.

Uma língua que nesse contexto estava acordando de uma longa pausa de 17 séculos sem ser utilizada por seu povo para discutir ou descrever um simples acontecimento trivial do seu dia a dia, como uma conversa à beira mar, precisaria de palavras novas que abraçasse a complexidade do mundo moderno. Ao pensar assim seria natural questionar que o hebraico necessitaria recorrer a diversas fontes a fim de preencher as lacunas vazias em seu léxico que fossem hábeis para descrever todos os âmbitos da existência moderna de seu povo e da humanidade. Ou seja, o foco era o empréstimo lexical como um dos mecanismos de expansão vocabular. De fato, confirmou-se que o empréstimo lexical não deixa de ter contribuído com a introdução de novas palavras, mas não é, e nunca será o principal mecanismo de enriquecimento lexical no hebraico moderno.

Na realidade, estudar os empréstimos lexicais no hebraico atual, levou a descoberta de que esse fenômeno comum a todas as línguas humanas, vai muito além de assimilação de palavras isoladas. Mas mostrou que o contato linguístico dos judeus com línguas diversas na diáspora favoreceu a criação de um ambiente transbordante de experiências e bagagens linguísticas multifacetadas favorecendo a entrada de empréstimos linguísticos em todos os níveis da língua: lexical, morfológico, sintático e fonético. Portanto, a pesquisa tornou-se muito mais rica e interessante. Desta forma conclui-se que o fenômeno de empréstimos abraça a complexidade sociolinguística e multicultural do povo judeu em todos os períodos da história da sua língua.

Ao falar do empréstimo lexical, tornou-se orgânico olhar para os demais níveis da língua e acolher os demais empréstimos linguísticos entrelaçados a ele: na morfologia por meio da adoção de sufixos e prefixos estrangeiros assimilados e incorporados a derivação de palavras novas; na semântica enriquecendo o sentido tanto dos próprios vocábulos hebraicos como de palavras emprestadas; na pronúncia, incorporando a língua sons diferentes para uma melhor articulação de palavras

estranhas; nos inúmeros decalques de palavras e expressões que trazem cor e dinamismo a fala, mostrando como uma língua não fica parada e se moderniza e se integra ao mundo por meio de palavras e frases que ultrapassam fronteiras e por fim na estrutura sintática, refletindo as preferências pessoais do israelenses em conduzir e falar seu próprio idioma.

Essa pesquisa concluiu que o empréstimo linguístico, em especial o lexical, pode ocorrer de forma planejada, como quando a Academia de Língua Hebraica assim o oficializa por falta de uma palavra que realmente supra a necessidade, ou quando entra de forma espontânea através do falante. Também revela que apesar da expansão artificial do léxico no início de seu reavivamento, o hebraico possui flexibilidade, dinamismo e vitalidade em suas formas de ampliação vocabular. Também mostra, que ao estudar o fenômeno dos empréstimos, estuda-se a identidade não somente linguística, mas também histórica e cultural de um povo.

No que diz respeito à possibilidade de pesquisas futuras, este trabalho abre caminhos para investigações e estudo de empréstimos camuflados ou semanticamente modificados, ou de que maneira o empréstimo linguístico pode afetar a gramática internalizada de uma língua e quais são seus efeitos colaterais na identidade linguística de um povo.

REFERÊNCIAS

ADAMCZYK, Angelika. Foreign Influences on Modern Hebrew. *Rocznik Orientalistyczny/Yearbook of Oriental Studies*, n.1, p.135-142, 2019

BEREZIN, Rifka. O hebraico moderno: um estudo histórico. *Língua e Literatura*, São Paulo, Brasil, n. 6, p. 225–233, 1977.

CARVALHO, Nelly. Empréstimos linguísticos na língua portuguesa. São Paulo: Cortez, 2009.

COFFIN, Edna Amir; BOLOZKY, Shmuel. *A Reference Grammar of Modern Hebrew*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DUBNOV, Keren. Slavic Influence on Hebrew. In *Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics*, Vol.3, Geoffrey Khan et al. (eds.), p.576-578. Leiden: Brill. 2013

GADISH, Ronit. The Academy of the Hebrew Language. In *Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics*, Vol. I, Geoffrey Khan et al. (eds.), p. 14-17. Leiden: Brill. 2013

GIANTO, Aguantinus. Mechanism of Change. In *Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics*, Vol. 2, Geoffrey Khan et al. (eds.), p.614. Leiden: Brill. 2013

JOTA, Z. S. *Dicionário de Lingüística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília, INL, 1981.

KRIVORUCHKO, Julia. Slavic Loanwords. In *Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics*, Vol.2, Geoffrey Khan et al. (eds.), p.578-581. Leiden: Brill. 2013

MANCINI, Marco. Italian loanwords. In *Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics*, Vol. 2, Geoffrey Khan et al. (eds.), p.357-358. Leiden: Brill. 2013

MANZOLILLO, V. C. O. . Empréstimo linguístico: o que é, como e por que se faz. In: XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2014, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF - Livro de Minicursos e Oficinas, 2014. v. XVIII. p. 47-70.

MANZOLILLO, V. C. O. . Empréstimo semântico, decalque e retroversão: breve estudo tipológico do empréstimo linguístico. In: II Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 1999, Rio de Janeiro. Anais CNLF 37. p. 250-260

MAZZINGHI, Luca. História de Israel: das origens ao período Romano. Petrópolis: Vozes, 2007

ORLY, Albeck. Purism. In Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics, Vol. 3, Geoffrey Khan et al. (eds.), p. 299-307. Leiden: Brill. 2013

PAUL, H. Princípios fundamentais da história da língua. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

RABIN, Chaim. Pequena história da língua hebraica. São Paulo: Summus, 1973.

ROSENHOUSE, Judith. English influence on Hebrew. In Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics, Vol. I, Geoffrey Khan et al. (eds.), p. 821–822. Leiden: Brill. 2013

ROSENHOUSE, Judith. English loanwords. In Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics, Vol. I, Geoffrey Khan et al. (eds.), p. 824–828. Leiden: Brill. 2013

ROITFARB, Roni. Arabic influence: Modern Period. In Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics, Vol. 1, Geoffrey Khan et al. (eds.), p.143-149. Leiden: Brill. 2013

ROSENTHAL, Ruvik. Insults: Modern Hebrew. In Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics, Vol. 2, Geoffrey Khan et al. (eds.), p.293-296. Leiden: Brill. 2013

SANDMANN, Antônio José. Empréstimos Linguísticos. Revista Tecnologia & Humanismo, Curitiba, n.7, p.10-12, 1990.

SCHWARZWALD, Ora. Loanwords. In Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics, Vol. 2, Geoffrey Khan et al. (eds.), p.538-539. Leiden: Brill. 2013

SCHWARZWALD, Ora. Judeu-Spanish Loanwords. In Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics, Vol. 2, Geoffrey Khan et al. (eds.), p.430-432. Leiden: Brill. 2013

SHEHADEH, Haseeb. Arabic Loanwords. In Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics, Vol. 1, Geoffrey Khan et al. (eds.), p.150-151. Leiden: Brill. 2013

SHLESINGER, Yitzhak. Borrowing in Modern Hebrew. In Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics, Vol. I, Geoffrey Khan et al. (eds.), p. 375-381. Leiden: Brill. 2013

STEINBERG, Gabriel. Ivrit ou israelit? - a trajetória da língua hebraica: da antiguidade à consolidação do estado de Israel. Linguagens do oriente: territórios e fronteiras. Tradução. São Paulo: Targumim, 2012.

SZUCHMAN, Esther. O Renascimento da língua hebraica e sua continuidade na diáspora. Vértices, São Paulo, n.11, p. 53–69, 2011.

TRASK, R. L. Dicionário de linguagem e linguística. Trad. Rodolfo Ilari. Rev. téc. Ingedore Villaça Koch; Thaís Cristófaró Silva. São Paulo: Contexto, 2004.

ULLMANN, Stephen. Semântica: uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1977.

VIARO, Mário Eduardo. Etimologia. 1. ed. São Paulo: Editora Pinsky Ltda., 2011.

YADAIN, Azzan. Contact of Hebrew With Other Languages. In Encyclopedia of Hebrew Language and Linguistics, Vol. 1, Geoffrey Khan et al. (eds.), p.600-601. Leiden: Brill. 2013

ZUCKERMANN, Ghil'ad. Language Contact and Lexical Enrichment in Israeli Hebrew. London; New York: Palgrave Macmillan, 2003.